

# RESENHAS

## TEORIA CRÍTICA DA FAMÍLIA

Poster, Mark

Zahar Editores S.A.,  
Rio de Janeiro, 1979  
251p. tradução de Álvaro Cabral

Poster, professor de História da Universidade da Califórnia, procura neste livro delinear os elementos adequados para a construção de uma teoria da família, cujo propósito seria torná-la "inteligível como campo de pesquisa, mediante a definição de categorias através das quais ela possa ser estudada empiricamente".

O livro se desenvolve à medida em que o autor faz uma revisão, bastante cuidadosa e crítica, das principais correntes científicas que, de uma ou outra forma, abordaram o tema das relações familiares.

Já no prefácio, Poster revê alguns dos principais historiadores que se dedicaram ao estudo da família tais como: Le Play, Laslett, Srorter e Ariès, e esboça algumas idéias básicas, que serão posteriormente desenvolvidas. A primeira delas é a proposta de privilegiar uma teoria psicológica da família, dando preferência às questões que se relacionam com os padrões emocionais.

Outra argumentação básica em sua obra é a de que a história da família é descontínua, envolvendo não uma, mas várias estruturas familiares distintas e complexas que não podem ser correlacionadas, de forma reducionista, a uma só variável seja ela a modernização, o patriarcado, o capitalismo ou qualquer outra. Classifica sua teoria de crítica por oposição à ideológica, entendendo como crítica uma teoria normativa, que fornece uma base para a reforma da estrutura.

Poster detém-se demoradamente na análise do conceito de família na obra de Freud. Embora incorpore em sua própria teoria grande parte dos postulados freudianos, é um crítico arguto da obra do pai da psicanálise, que pecou, segundo ele, sobretudo pela incapacidade "de estabelecer o conjunto de seus progressos num contexto mais amplo de teoria histórica e social" (p.23). Freud mostrou que a mente não é algo previamente dado, mas sim uma estrutura que se forma na infância, construída através de um processo. No entanto, apresenta sua teoria como uma ciência divorciada do campo histórico no qual surgiu, reduz os processos complexos dos sistemas sociais ao seu significado psicológico e converte seu modelo em eterno e universal. Acaba por defender a família burgue-

sa, e as relações de dominação — homem sobre mulher, pais sobre filhos — que ela contém, como uma instituição eterna, necessária e universal.

Sem desejar reduzir a importância da teoria freudiana, mas sim alertar para seus limites e seus vieses, Poster examina criteriosamente, no primeiro capítulo, os conceitos mais importantes de Freud como o de sedução, princípio de prazer, princípio de realidade e complexo de Édipo.

Este último, para Poster, não é universal, tal como postulado por Freud, mas só encontra as pré-condições para seu aparecimento no privatizado lar burguês, onde uma estranha combinação de amor intenso e severa repressão condiciona o surgimento do superego.

No segundo capítulo, "A radicalização do eros", Poster examina o pensamento dos marxistas do século XX, começando por Engels, a quem critica por ter reduzido a história da família a uma simples consequência das transformações nos modos de produção. Poster argumenta que a revolução socialista não leva diretamente à emancipação das mulheres, o que só vem confirmar que as mudanças na estrutura da família não são sempre o resultado direto de transformações na propriedade dos meios de produção.

Analisa a seguir a obra de Reich, que ensaiou uma síntese entre os conceitos freudianos e a teoria marxista. Na opinião de Poster, a ligação que Reich traçou entre a autoridade na família, repressão sexual e conservadorismo ideológico foi um dos frutos mais ricos do seu freudo-marxismo. Reich não foi porém capaz de explicar as diferenças de classes em termos psicológicos, porque não definiu suficientemente as categorias estruturais da família.

Dentre os marxistas da Escola de Frankfurt é focalizada, em primeiro lugar, a obra de Horkheimer, para quem a família, importante mediadora entre o indivíduo e a sociedade, é uma agência socializante conservadora, um centro de dominação que brutaliza as crianças, preparando-as para a aceitação submissa da sociedade de classes. Mas, alerta Poster, Horkheimer falha na tentativa de correlacionar a estrutura de classes e a estrutura psíquica e, embora a classe trabalhadora fosse tão autoritária quanto burguesa, insiste em afirmar que o autoritarismo era fruto exclusivo da família burguesa.

Em relação a Marcuse, outra figura de destaque da Escola de Frankfurt, Poster argumenta que a fantasia e a imaginação também estão fatalmente sujeitas à repressão e não representam a liberdade, mas apenas outro nível de dominação.

Mais adiante Poster examina os trabalhos resultantes do movimento de adaptação da psicanálise freudiana

ao ideal americano. Entre os psicólogos do ego, Erik Erikson, com seu conceito de ciclo vital, foi o que mais avançou na direção da construção de uma teoria da família; porém, a dificuldade mais evidente em sua obra, para Poster, é a reivindicação de universalidade.

Reduzindo todas as famílias a um único modelo, o nuclear, o sociólogo norte-americano Talcott Parsons pondera que somente duas estruturas são essenciais à família: a hierarquia de gerações e uma diferenciação dos agentes socializantes em figuras "instrumentais", as masculinas, e "expressivas", as femininas.

Associando o aparecimento e a manutenção desta estrutura ao grau de "modernização" da sociedade, Parsons, no entender de Poster, não pode ser acusado de introduzir o individualismo em sua teoria. Falha, porém, ao adotar a família burguesa e seu rígido modelo de assimetria sexual, como norma universal.

A importância para a teoria da família do uso da lingüística por Lacan reside no fato de transferir o centro da psicanálise do estudo de instintos intrapsíquicos para os padrões falados de interação entre membros da família. Como a psicanálise lacaniana considera que o inconsciente é constituído pelo jogo lingüístico entre pais e filhos, o caráter individualista das categorias de Freud pode ter sido transcendido. Poster, contudo, confessa não estar suficientemente certo disso, uma vez que Lacan não deixou estudos de caso para comprová-lo. Considera limitada a conceptualização de família ensaiada por aquele autor, primeiro porque ele reforça o masculino, embora ao nível da linguagem, não mais da anatomia; além disso, porque a teoria de Lacan é excessivamente idealista, na medida em que confere, incorretamente, primazia da linguagem sobre a estrutura social.

Para Poster, a principal diferença entre o conceito de proibição do incesto em Lacan e o que se encontra na obra de Levi-Strauss é o "locus" da autoridade. No caso de Levi-Strauss, esta se encontra na sociedade enquanto que, para a psicanálise, a autoridade é dada pelos pais imediatos, reais ou simbólicos.

A dupla Deleuze e Guattari conseguiu, na perspectiva de Poster, superar algumas das deficiências encontradas em Lacan. Para eles, a família é utilizada pelo capitalismo como o único lugar onde o desejo pode vir a ser expresso; o complexo de Édipo triangula o inconsciente em pai, mãe e criança que, longe de serem figuras universais, são os produtos específicos do capitalismo. Poster acredita porém que, mesmo que se concorde com os dois pensadores, a análise por eles apresentada é excessivamente abstrata para um estudo histórico concreto, estudo essa que poderia responder a questões cruciais como o significado da família nuclear e a razão pela qual a classe trabalhadora foi integrada nessa forma de família.

Trilhando ainda o caminho da crítica cuidadosa a seus antecessores, Poster dedica-se, no capítulo seguinte, à análise da prática da terapia familiar, que teve grande impulso nos Estados Unidos da década de 1960. Representados principalmente por Bateson, do Grupo de Palo Alto, os terapeutas da família sugeriam que os problemas dos pacientes deviam ser buscados na lógica das interações na rede familiar. Omitem, contudo, o entendimento

histórico da privatização da família, bem como uma compreensão sociológica dos requisitos estruturais que são impostos à família pela sociedade mais ampla. Estabelecem um ideal de funcionamento familiar para, a seguir, separar as famílias doentes das sadias, a fim de isolar os mecanismos de grupo que deram origem à doença. A estrutura real das famílias "normais" não é questionada, na medida em que, em quase todas as terapias da família, está implícito o pressuposto de que a estrutura geral da família nuclear é boa e que seus desvios devem ser eliminados para devolvê-la à norma.

O trabalho de Laing, do movimento inglês de anti-psiquiatria, foge a esse esquema limitado, posto que associa a prática da terapia da família a uma teoria social radical. Laing tentou humanizar a esquizofrenia, devolvendo à comunidade aqueles que foram abandonados em manicômios. Propôs analisar humanamente o esquizofrênico indo até sua família para estudá-lo em suas interações. Poster acredita que o método de Laing de análise do nexos familiar é válido, mas deveria ter sido suplementado por uma análise histórica e social da estrutura da família. Sem ter feito isso, Laing acabou por romantizar a figura do esquizofrênico.

Nos capítulos finais, Poster delinea os elementos de sua própria teoria da família, embora estes sejam sugeridos ao longo de todo o livro. Para ele, a teoria deve ser construída de forma a contribuir para a pesquisa, através da elaboração de um conjunto de categorias que apontem para as espécies de dados necessários à compreensão da família numa dada sociedade. Acredita que a teoria da família deve voltar-se para o nível psicológico e formular categorias que permitam a compreensão de estruturas familiares divergentes em termos de seu padrão emocional. Além de ser o lugar onde se forma a estrutura psíquica, a família constitui um espaço social distinto, na medida em que gera e consubstancia hierarquias de idade e de sexo. Ela é, portanto, o espaço social onde as gerações se defrontam mútua e diretamente e onde os sexos definem suas diferenças e relações de poder. Embora a psicanálise não possa ser adotada sem uma cuidadosa revisão, ela fornece alguns elementos básicos para a teoria da família.

A construção de uma teoria crítica requer dois outros níveis de análise: a vida cotidiana da família e a relação entre família e sociedade.

Poster elabora um roteiro de características que o pesquisador deve levar em conta ao estudar a família, sempre lembrando que a natureza do conhecimento obtido será descritiva e não explicativa. A obtenção de conhecimentos sobre a estrutura material da unidade familiar (tamanho da casa, por exemplo) poderá ser tão importante quanto as informações sobre os costumes relativos ao namoro e ao casamento, sobre a sexualidade e as práticas anticoncepcionais e até mesmo sobre o regime alimentar.

A análise da relação entre a sociedade e a família importa não para reduzir a compreensão da família a alguma determinação mais ampla, mas sim para, através da exploração dessa relação, enriquecer a compreensão do próprio nível psicológico.

Implícito na teoria proposta por Poster está o ponto de vista de que a estrutura da família deveria ser reformada de tal modo que as hierarquias de idade e de sexo fossem minimizadas ou, talvez, completamente eliminadas.

No capítulo final, o autor aplica seu esquema teórico para analisar, com dados extraídos da história da família européia, quatro modelos de estruturas de família: a burguesa do século XIX, a aristocrática dos séculos XVI/XVII, a camponesa dos séculos XVI/XVII e a trabalhadora do início da revolução industrial. Propõe-se a eliminar a prática, que considera defeituosa, de recorrer sempre ao modelo da família burguesa como norma no estudo das famílias. Aplicando o roteiro de indicadores previamente elaborado, analisa as estruturas emocionais dos quatro diferentes tipos de família. No caso da família burguesa conclui: "o padrão emocional da família burguesa é definido pela autoridade restringida aos pais, profundo amor parental pelos filhos, uso de ameaças de retirada de amor, a título de punição, em vez de castigo físico" (p.195).

Nas famílias aristocráticas, atribuiu-se pouco valor à privacidade, domesticidade, cuidados maternos, amor romântico e relações íntimas com as crianças. A vida emocional das crianças não gravitava em torno dos pais, mas estava difundida através de vasta gama de figuras adultas.

A família camponesa no antigo regime (séculos XVI e XVII) tinha mais traços em comum com a aristocracia do que com a moderna burguesia. A unidade básica da vida camponesa não era a família conjugal, mas a aldeia. Casamentos, relações entre marido e mulher e entre pais e filhos, tudo era compartilhado por todos os aldeões, pois a privacidade era desconhecida e sem valor. A autoridade e o amor estavam repartidos por ampla rede de parentes e aldeões, as relações entre pais e filhos não se caracterizavam por intimidade ou intensidade emocional. As sanções eram impostas com castigos físicos, em vez de ameaças de retirada de amor.

Ao analisar seu quarto e último modelo, o da classe trabalhadora das fases iniciais da industrialização, Poster aponta para o fato de que, ao longo de um século, a família trabalhadora foi se parecendo cada vez mais com a família burguesa. No período inicial da industrialização, o lar proletário não era propriamente "um ninho de domesticidade". As condições de vida eram extremamente precárias e a sobrevivência só era garantida mediante o trabalho de todos os membros da família. Crianças e jovens de ambos os sexos afirmavam sua independência dos pais através do trabalho na fábrica, onde eram praticamente socializados. As relações entre homens e mulheres diferiam daquelas do padrão burguês, posto que as mulheres, além de realizar os afazeres domésticos, trabalhavam também nas fábricas.

Nas últimas décadas do século XIX, à medida em que emerge a aristocracia da classe trabalhadora, coincidindo com as primeiras conquistas trabalhistas (salário família, limite de horas de trabalho, etc.) amplia-se o esforço da burguesia filantrópica para reformar a moralidade da classe subalterna, integrando-a ao modelo da família burguesa.

A primeira conclusão que Poster extrai da análise dos quatro modelos é a de que a família burguesa não é um modelo único, mas sim um fenômeno historicamente distinto. Além disso, ressalta de sua análise a conclusão de que a história da família é descontínua, não-linear e não-homogênea: consiste, isto sim, em padrões familiares distintos, cada um com sua própria história e suas próprias explicações.

Ao examinar o destino da família burguesa, a opinião do autor oscila constantemente: parece às vezes crer que o modelo burguês estaria decadente, outras vezes fica clara sua crença de que a família burguesa continuaria sendo a norma, na medida em que a privacidade, o isolamento, o amor romântico e a preocupação com os filhos persistiriam no mundo moderno, talvez até em grau superior ao de antes.

Conclui sugerindo a adoção de um "modelo utópico" de família, que elimine os mecanismos de reprodução das hierarquias de idade e de sexo, apontando assim direções de mudanças. Seu objetivo não é, porém, o de propor reformas, mas sim o de mostrar que o modelo burguês não é o único possível.

Ao final da leitura fica o alerta de que o estudo da família não pode se reduzir apenas às questões sociais mais amplas mas deve, necessariamente, remeter à rica dinâmica emocional dentro de cada unidade familiar. Embora a proposta teórica de Poster privilegie o enfoque psicológico, ele cria, no decorrer de todo o livro, a expectativa de uma referência mais abrangente e profunda ao histórico e ao social, que por fim, ele próprio não consegue cumprir, como se estivesse preso a alguns esquemas rígidos de explicação, entre eles o freudiano. O leitor tem em mãos, porém, uma excelente teoria psicológica da família.

M. Cristina A. Bruschini

---

## ORDEM MÉDICA E NORMA FAMILIAR

Freire Costa, Jurandir

Graal

Rio de Janeiro, 1979

---

## A NORMALIZAÇÃO DA FAMÍLIA

Que a família vai mal, acabou, ou está por acabar, é hoje voz corrente. Freire Costa, um psiquiatra que se propõe a estudar as representações (o imaginário) sobre a família do universo citadino brasileiro, trata de saber por que os diagnósticos e terapias se multiplicam e se os remédios propostos, ao invés de sanarem o mal, não vão perpetuar a doença. Por isso desenvolve uma reflexão, uma arqueologia da família brasileira colonial do século XVII e colonizada no século XIX, submetendo-a a um instrumental teórico na linha de Foucault, Donzelot e Castel, desvendando suas relações com a medicina e o Estado brasileiro.